

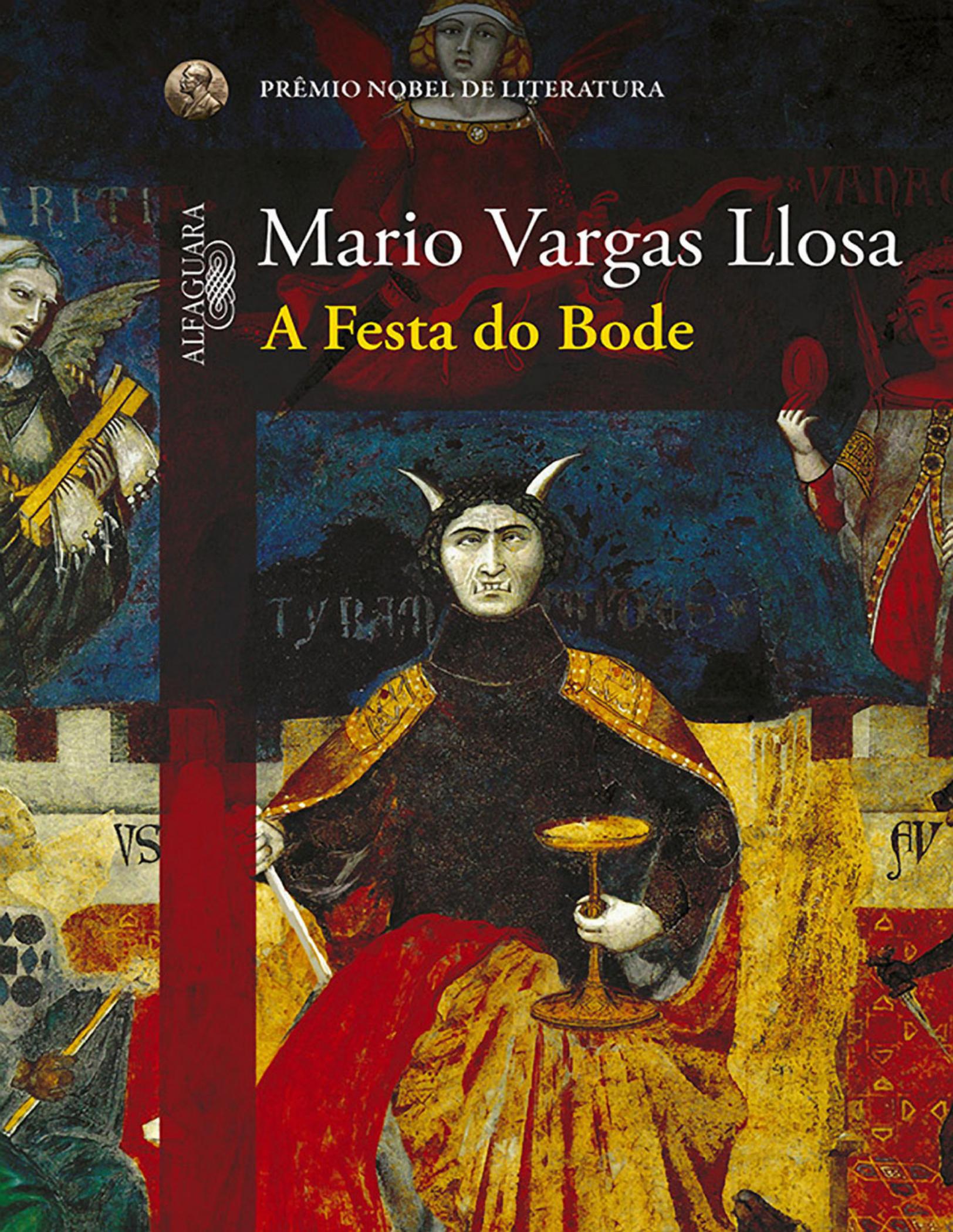


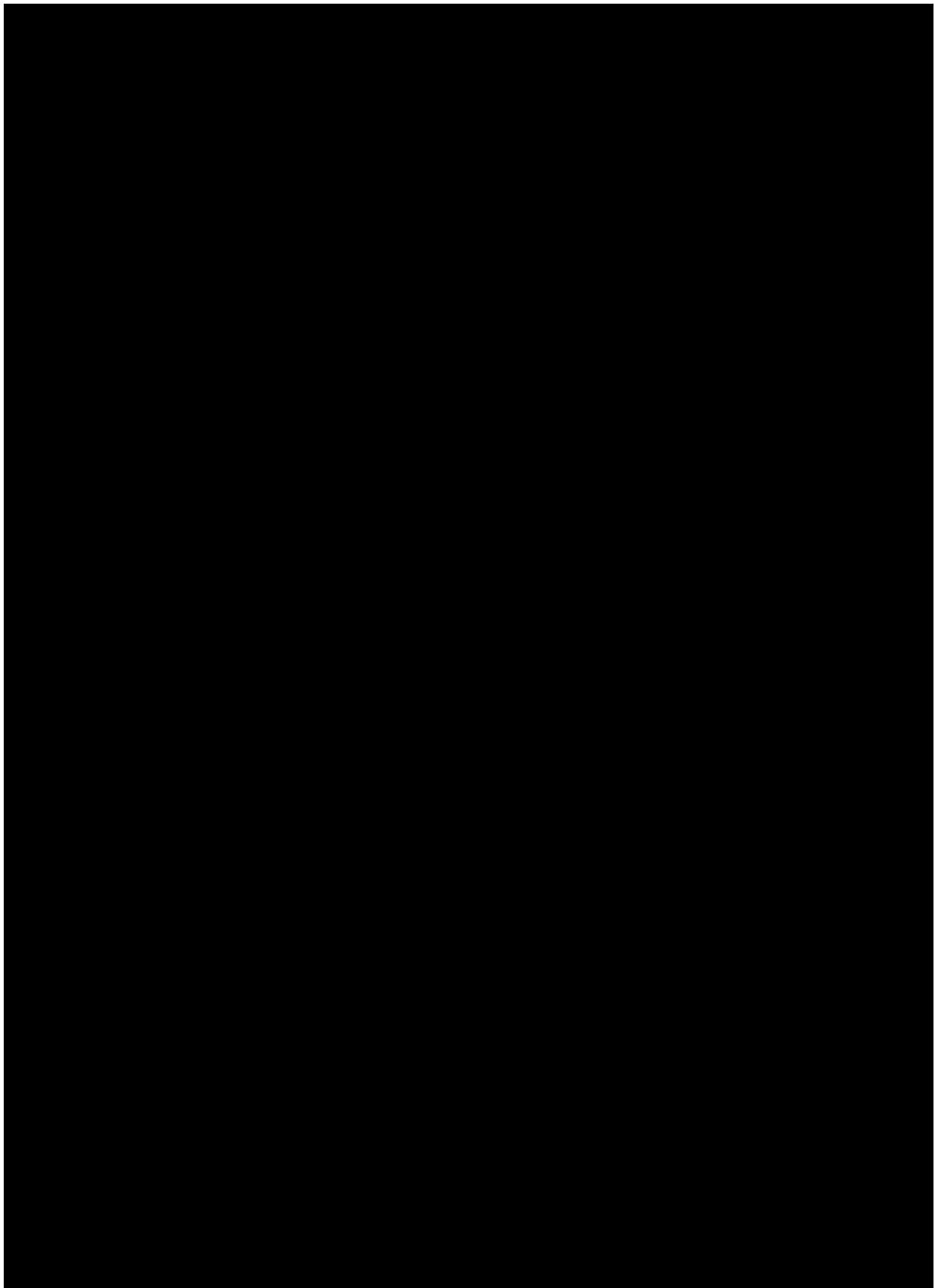
PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

ALFAGUARA

Mario Vargas Llosa

A Festa do Bode





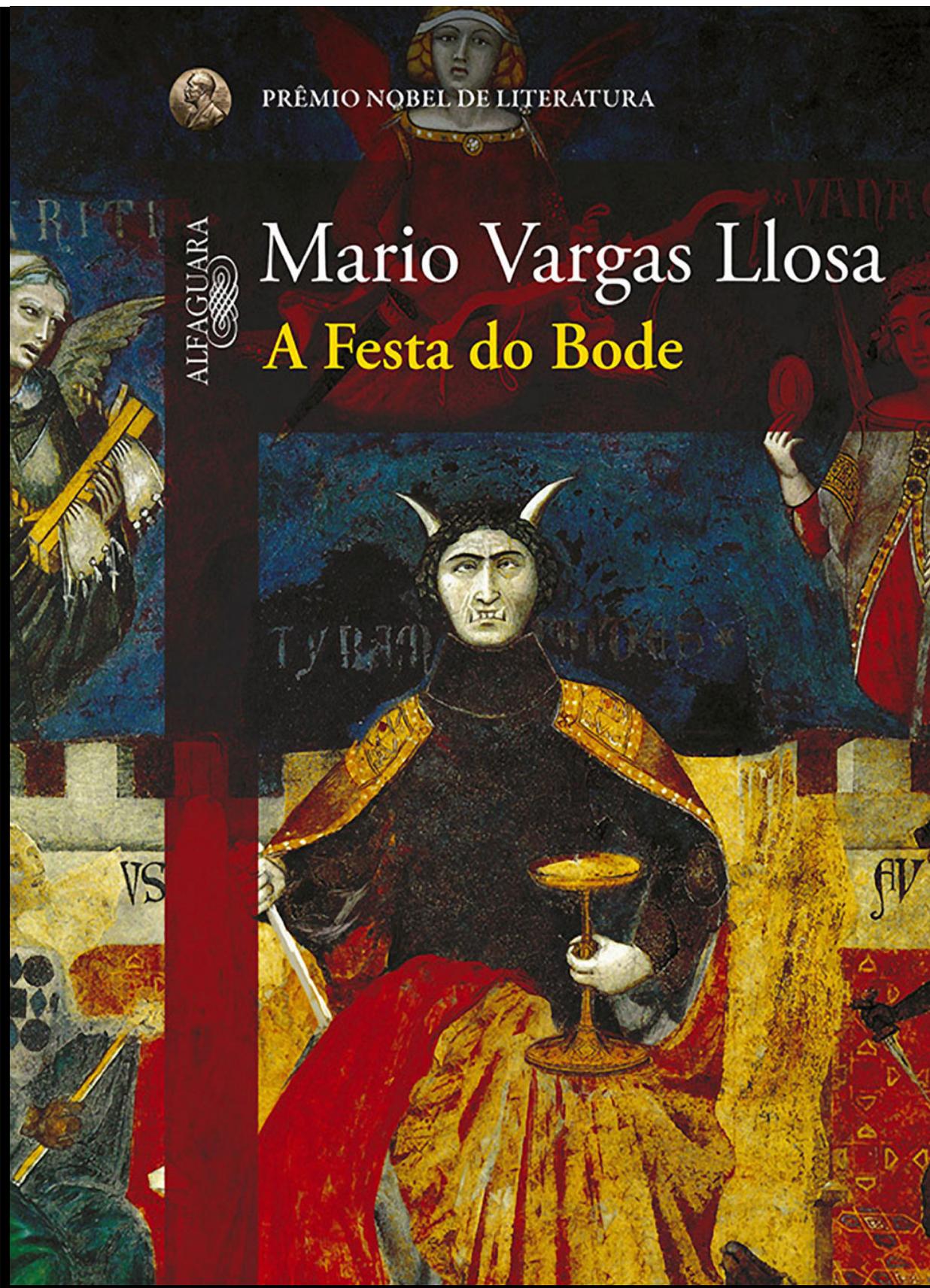


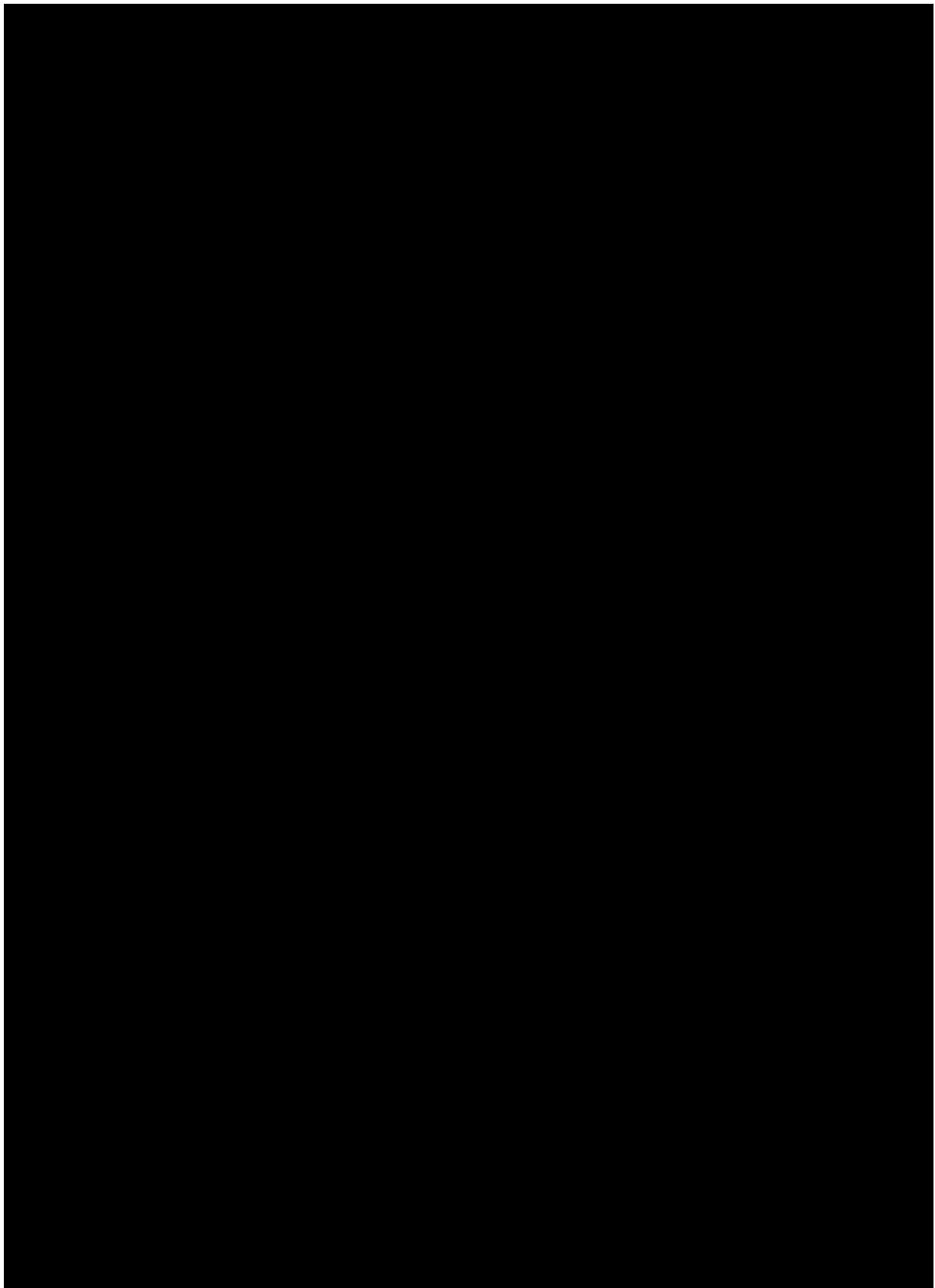
PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

ALFAGUARA

Mario Vargas Llosa

A Festa do Bode





ALFAGUARA



Mario Vargas Llosa

A Festa do Bode

Tradução
Paulina Wacht e Ari Roitman

ALFAGUARA



© 2000, Mario Vargas Llosa
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
La Fiesta del Chivo

Capa
Raul Fernandes, a partir de projeto original de Agustín Escudero López

Imagem de capa
© Ambrogio Lorenzetti. *Alegoría del mal gobierno* (fragmento)

Revisão
Ana Kronemberger
Regiane Winarski
Joana Milli

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Filigrana



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
V426f

Vargas Llosa, Mario
A festa do bode [recurso eletrônico] / Mario Vargas Llosa ; tradução Paulina Wacht e Ari Roitman. - Rio
de Janeiro : Objetiva, 2012.
recurso digital

Tradução de: *La fiesta del chivo*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

412 p. ISBN 978-85-7962-174-1 (recurso eletrônico)

1. República Dominicana - Política e governo - Ficção. 2. Romance peruano. 3. Livros eletrônicos. I. Wacht, Paulina. II. Roitman, Ari. III. Título.

12-5749. CDD: 868.99353

CDU: 821.134.2(85)-3

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

XXIII

XXIV

*A Lourdes e José Israel Cuello,
e a tantos amigos dominicanos.*

“O povo festeja
com grande entusiasmo
a Festa do Bode
em trinta de maio.”

Mataram o Bode
Merengue dominicano

I

Urania. Os pais não lhe fizeram um grande favor; seu nome dava a ideia de um planeta, de um mineral, de tudo menos daquela mulher espigada e de traços finos, rosto liso e grandes olhos escuros, um pouco tristes, que o espelho lhe devolvia. Urania! Que coisa. Felizmente ninguém mais a chamava pelo nome, e sim de Uri, Miss Cabral, Mrs. Cabral ou Doutora Cabral. Que ela se lembrasse, desde que saíra de Santo Domingo (“Quer dizer, de Trujillo”, na época ainda não tinham devolvido o antigo nome à capital), ninguém em Adrian, nem em Boston, nem em Washington D.C., nem em Nova York voltara a chamá-la de Urania, como faziam em casa e no Colégio Santo Domingo, onde as *sisters* e suas colegas pronunciavam corretissimamente o nome disparatado que haviam lhe infligido quando nasceu. Tinha sido ideia dele, dela? Tarde demais para descobrir, garota; sua mãe estava no céu e o pai, morto em vida. Você nunca vai saber. Urania! Era tão absurdo como insultar a antiga Santo Domingo de Guzmán chamando-a de Trujillo. Seria também ideia do seu pai?

Ela está esperando que o mar apareça pela janela do seu quarto, no nono andar do Hotel Jaragua, e afinal o vê. A escuridão recua em poucos segundos e o resplendor azulado do horizonte, crescendo depressa, inicia o espetáculo que ela está esperando desde que acordou, às quatro, apesar do comprimido que tomara a despeito de sua prevenção contra os soníferos. A superfície azul-escura do mar, turbada por manchas de espuma, se encontra com um céu de chumbo na remota linha do horizonte e aqui, na costa, explode em ondas sonoras e espumosas contra o *malecón*, do qual vê pedaços de calçada entre as palmeiras e amendoeiras que o cercam. Naquela época, o Hotel Jaragua ficava de frente para o *malecón*. Agora, de lado. A memória lhe devolve a imagem — daquele dia? — da menina de mãos dadas com o pai, entrando no restaurante do hotel para almoçarem, os dois sozinhos. Deram-lhes uma mesa ao lado da janela, e, através das cortinas, Uranita divisava o vasto jardim e a piscina com trampolins e banhistas. Uma orquestra tocava merengues no Pátio Espanhol, rodeado de azulejos e de vasos com cravos. Foi naquele dia? “Não”, diz em voz alta. Aquele Hotel Jaragua tinha sido demolido e substituído por este volumoso edifício em

tom de pantera cor-de-rosa que tanto a surpreendeu ao chegar a Santo Domingo, três dias antes.

Tinha feito bem em voltar? Você vai se arrepender, Urania. Desperdiçar uma semana de férias, logo você, que nunca tem tempo para conhecer tantas cidades, regiões, países que gostaria de ver — as cordilheiras e os lagos nevados do Alasca, por exemplo —, voltando àquela ilhinha onde jurou que nunca mais botaria os pés. Sinal de decadência? Sentimentalismo da maturidade? Curiosidade, só isso. Para provar a si mesma que pode andar pelas ruas desta cidade que não é mais sua, percorrer este país alheio sem sentir tristeza, nostalgia, ódio, amargura, raiva. Ou será que veio para encarar a ruína em que seu pai se transformou? Descobrir que impressão lhe dá revê-lo, depois de tantos anos. Um calafrio a percorre da cabeça aos pés. Urania, Urania! Imagine se você descobre, depois de todos esses anos, que debaixo dessa sua cabecinha voluntariosa, organizada, impermeável ao desânimo, atrás dessa fortaleza que os outros tanto admiram e invejam há um coraçãozinho terno, assustadiço, fraco, sentimental. Dá uma risada. Chega de bobagem, garota.

Põe o tênis, a calça, o agasalho esportivo, prende o cabelo com uma rede. Bebe um copo de água gelada e vai ligar a televisão para ver a CNN, mas muda de ideia. Fica ao lado da janela, olhando o mar, o *malecón*, e depois, virando a cabeça, o bosque de telhados, torres, cúpulas, campanários e copas de árvores da cidade. Como cresceu! Quando ela saiu de lá, em 1961, tinha trezentas mil almas. Agora, mais de um milhão. Estava cheia de bairros, avenidas, parques e hotéis. Na véspera, Urania se sentira uma estranha circulando num carro alugado pelos elegantes condomínios de Bela Vista e pelo imenso parque El Mirador, onde havia tantos *joggers* como no Central Park. Na infância dela, a cidade terminava no Hotel El Embajador; a partir dali tudo eram chácaras, plantações. O Country Club, aonde seu pai a levava à piscina aos domingos, era rodeado de descampados, e não de asfalto, casas e postes de luz como agora.

Mas a cidade colonial não se remoçou, nem Gazcue, o seu bairro. E ela tem certeza absoluta de que sua casa quase não mudou. Devia estar igual, com o pequeno jardim, a velha mangueira e o flamboaiã de flores vermelhas encostado na varanda onde eles costumavam almoçar ao ar livre nos fins de semana; o telhado de duas águas e a varandinha do seu quarto, onde ia esperar suas primas Lucinda e Manolita, e naquele último ano, 1961, espiar aquele rapaz que passava de bicicleta, olhando-a de esguelha, sem se atrever a lhe dirigir a palavra. Será que por dentro estaria igual? O relógio austríaco que

marcava as horas tinha números góticos e uma cena de caçada. Seu pai, estaria igual? Não. Viu como ele decaíra nas fotos que recebia de tantos em tantos meses ou anos da tia Adelina e de outros parentes remotos que continuaram lhe escrevendo, embora ela nunca respondesse às cartas.

Ela se joga numa poltrona. O sol do alvorecer atinge o centro da cidade; a cúpula do Palácio Nacional e o ocre pálido dos seus muros brilham suavemente sob a concavidade azul. Saia logo de uma vez, senão o calor vai ficar insuportável. Fecha os olhos, dominada por uma inércia que não era comum nela, acostumada a estar sempre em atividade, a não perder tempo fazendo aquilo que, desde que pôs os pés em terra dominicana, ocupa a sua mente noite e dia: lembrar. “Esta minha filha está sempre trabalhando, até dormindo ela recita a lição.” Era o que dizia o senador Agustín Cabral, o ministro Cabral, Craninho Cabral, gabando-se com os amigos da menina que ganhava todos os prêmios, a aluna que as *sisters* apontavam como exemplo. Será que também se gabava com o Chefe das proezas escolares de Uranita? “Eu gostaria muito que o senhor a conhecesse, a menina ganha o prêmio de melhor aproveitamento todos os anos, desde que entrou no Santo Domingo. Para ela, conhecer o senhor, apertar a sua mão, seria uma felicidade. Uranita reza toda noite para que Deus o conserve com esta saúde de ferro. E também por dona Julia e dona María. Dê-nos essa honra. Quem lhe pede, roga, implora é o mais fiel dos seus cães. O senhor não pode me negar isto: receba-a. Excelência! Chefe!”

Você o detesta? Você o odeia? Ainda? “Não odeio mais”, diz em voz alta. Não teria voltado se a mágoa continuasse crepitando, a ferida sangrando, a decepção destruindo, envenenando você como acontecia em sua juventude, quando estudar ou trabalhar se transformaram em um remédio obsessivo para não lembrar. Na época você o odiava, sim. Com todos os átomos do seu ser, com todos os pensamentos e sentimentos que cabiam no seu corpo. Você lhe desejou desgraças, doenças, acidentes. Deus fez a sua vontade, Urania. O diabo, mais provavelmente. Não basta que esse derrame cerebral o tenha matado em vida? Não é uma doce vingança vê-lo há dez anos numa cadeira de rodas, sem andar nem falar, dependendo de uma enfermeira para comer, deitar, vestir-se, despir-se, cortar as unhas, fazer a barba, urinar, defecar? Você se sente vingada? “Não.”

Bebe outro copo de água e sai. São sete da manhã. No térreo do Jaragua o barulho a envolve, uma atmosfera já familiar de vozes, motores, rádios a todo volume, merengues, salsas, *danzones* e boleros, ou rock e rap misturados,

agredindo-se e agredindo-a com aquela gritaria. Um caos animado, uma necessidade profunda de se aturdir para não pensar, e talvez nem sentir, daquele que já foi o seu povo, Urania. Também, uma explosão de vida selvagem, imune às ondas de modernização. Alguma coisa, nos dominicanos, se aferra a essa forma pré-racional, mágica: o apetite pelo barulho. (“Pelo barulho, não pela música.”)

Não lembra que houvesse, quando era pequena e Santo Domingo se chamava Trujillo, tanto ruído nas ruas. Talvez não houvesse; talvez, trinta e cinco anos antes, quando a cidade era três ou quatro vezes menor, provinciana, isolada e anestesiada pelo medo e pelo servilismo, e tinha a alma encolhida de reverência e pânico pelo Chefe, o Generalíssimo, o Benfeitor, o Pai da Pátria Nova, Sua Excelência o Doutor Rafael Leonidas Trujillo Molina, fosse mais silenciosa, menos frenética. Hoje, todos os sons da vida, os motores de carros, toca-fitas, discos, rádios, buzinas, latidos, grunhidos, vozes humanas, tudo parece estar a todo volume, manifestando-se em sua capacidade máxima de ruído vocal, mecânico, digital ou animal (os cachorros latem mais alto e os pássaros piam com mais vontade). E Nova York ainda tinha fama de ser barulhenta! Em seus dez anos de Manhattan, seus ouvidos nunca registraram nada parecido com esta sinfonia brutal, desafinada, em que está imersa há três dias.

O sol acende as palmeiras de copas altas, a calçada rachada que parecia ter sido bombardeada devido à quantidade de buracos e aos montes de lixo acumulado que umas mulheres de lenço na cabeça varrem e recolhem em sacos sempre insuficientes. “Haitianas.” Agora estão caladas, mas ontem cochichavam entre si em *creole*. Um pouco mais adiante, vê dois haitianos descalços e seminus sentados em umas caixas, ao pé de dezenas de pinturas de cores vivíssimas, penduradas em um muro. É verdade, a cidade, talvez o país, está cheia de haitianos. Antes não era assim. Como dizia o senador Agustín Cabral, “Do Chefe podem dizer o que quiserem, mas a História pelo menos vai reconhecer que ele modernizou o país e pôs os haitianos no seu lugar. Para grandes males, grandes remédios!” O Chefe encontrara um paiseco barbarizado pelas guerras de caudilhos, sem lei e sem ordem, depauperado, quase perdendo a identidade, invadido por aqueles vizinhos famintos e ferozes. Eles vadeavam o rio Masacre e vinham roubar bens, animais, casas, tiravam o trabalho dos nossos trabalhadores agrícolas, pervertiam nossa religião católica com suas bruxarias diabólicas, estupravam nossas mulheres, destruíam nossa cultura,

nossa língua e nossos costumes, ocidentais e hispânicos, para nos impor os deles, africanos e bárbaros. O Chefe cortou o nó górdio: “Chega!” Para grandes males, grandes remédios! Ele não apenas justificava o massacre de haitianos em 1937, mas também o considerava uma façanha do regime. Aquilo não tinha salvado a República de ser prostituída, pela segunda vez na história, por aquele vizinho rapinante? O que são cinco, dez, vinte mil haitianos quando se trata de salvar todo um povo?

Ela anda rápido, reconhecendo os marcos da cidade: o Cassino da Güibia, transformado em clube, e o balneário agora poluído por esgotos; logo vai chegar à esquina do *malecón* com a avenida Máximo Gómez, o itinerário do Chefe nas suas caminhadas vespertinas. Desde o dia em que os médicos lhe disseram que andar fazia bem ao coração, ele ia da Estância Radhamés até a Máximo Gómez, fazendo uma escala na casa de dona Julia, a Excelsa Matrona, onde Uranita um dia foi fazer um discurso que quase não conseguiu pronunciar, e descia até este *malecón* George Washington, dobrava naquela esquina e continuava até o obelisco copiado do de Washington, num passo ágil, cercado de ministros, assessores, generais, ajudantes e cortesãos a uma distância respeitosa, com os olhos alertas, o coração esperançoso, aguardando um gesto, um sinal que os autorizasse a se aproximar do Chefe, ouvi-lo, merecer algumas palavras, mesmo que fosse uma recriminação. Tudo, menos ser mantidos longe, no inferno dos esquecidos. “Quantas vezes você passeou com eles, papai? Quantas vezes mereceu que o Chefe falasse com você? E quantas vezes voltou triste porque ele não o chamou, com receio de não estar mais no círculo dos escolhidos, de ter caído entre os réprobos. Você vivia sempre apavorado de que se repetisse a história de Anselmo Paulino. E se repetiu, papai.”

Urania ri, e um casal de bermudas que vem na direção contrária pensa que é com eles: “Bom dia.” Mas não era com eles, ela tinha rido da imagem do senador Agustín Cabral trotando toda tarde neste *malecón*, entre os serviçais de luxo, atento, não à brisa cálida, aos rumores do mar, à acrobacia das gaivotas nem às radiantes estrelas do Caribe, e sim às mãos, aos olhos, aos movimentos do Chefe, que talvez fosse chamá-lo, preferindo-o aos outros. Chegou ao Banco Agrícola. Depois vem a Estância Ramfis, onde continua funcionando a Secretaria de Relações Exteriores, e o Hotel Hispaniola. E meia-volta.

“Rua César Nicolás Penson, esquina com Galván”, pensa. Iria até lá, ou voltaria para Nova York sem dar sequer uma olhada na sua casa? Você vai

entrar e perguntar à enfermeira pelo inválido e subir até o quarto e a varanda onde o deixam cochilando, aquela varanda que ficava toda vermelha com as flores do flamboaiã. “Oi, papai. Como vai, papai. Não me reconhece? Sou a Urania. Claro, você não pode me reconhecer. Na última vez eu tinha quatorze anos e agora estou com quarenta e nove. Um bocado de anos, papai. Não era esta a idade que você tinha quando eu fui para Adrian? Sim, quarenta e oito ou quarenta e nove anos. Um homem em plena maturidade. Agora, está com quase oitenta e quatro. Você ficou velhíssimo, papai.” Se ainda estiver em condições de pensar, deve ter tido bastante tempo, em todos esses anos, para fazer um balanço da sua longa vida. Deve ter pensado na sua filha ingrata, que em trinta e cinco anos não lhe respondeu uma só carta, não enviou uma foto, uma mensagem de aniversário, Natal ou ano-novo, que não veio sequer quando você teve o derrame e todos os tios, tias, primos e primas achavam que estava morrendo. Não veio nem indagou por sua saúde, que filha malvada, papai.

A casinha da rua César Nicolás Penson, esquina com Galván, na certa não recebe mais os visitantes, no vestíbulo da entrada, onde ficava a imagem da Virgenzinha da Altagracia, com uma jactanciosa placa de bronze: “Nesta casa Trujillo é o Chefe.” Ou será que você a conservou, como prova de lealdade? Deve ter jogado no mar, como fizeram os milhares de dominicanos que compraram essas placas e as penduraram no ponto mais visível da casa, para que ninguém fosse duvidar da sua fidelidade ao Chefe, e cujas pegadas, quando o feitiço acabou, quiseram apagar, envergonhados com o que aquilo representava: sua covardia. Aposto que você também se livrou da sua, papai.

Chegou ao Hispaniola. Urania está suando, o coração acelerado. Pela avenida George Washington passa um duplo rio de carros, caminhonetes e caminhões, e ela tem a impressão de que todos estão com os rádios ligados e o barulho vai arrebentar os seus tímpanos. Às vezes surge uma cabeça masculina em algum veículo e por um instante seus olhos cruzam com uns olhos varonis que espreitam seus peitos, suas pernas, seu traseiro. Esses olhares. Ela está esperando para atravessar e pensa outra vez, como ontem, como anteontem, que está em terra dominicana. Em Nova York ninguém mais olha as mulheres com esse descaramento. Medindo, avaliando, calculando quanta carne há em cada peito e em cada coxa, quantos pelos em seu púbis e a curva exata das suas nádegas. Fecha os olhos, sentindo uma ligeira vertigem. Em Nova York, nem os latinos, dominicanos, colombianos, guatemaltecos olham mais assim. Eles

aprenderam a se reprimir, entenderam que não podem olhar as mulheres como os cachorros olham as cadelas, os cavalos as éguas, os porcos as porcas.

Numa brecha entre os veículos, atravessa, correndo. Em vez de dar meia-volta e regressar para o Jaragua, seus passos, não sua vontade, a fazem contornar o Hispaniola e voltar pela Independencia, uma avenida que, se não lhe falha a memória, avança a partir daqui, recheada com uma dupla alameda de loureiros frondosos cujas copas se abraçam sobre as calçadas, refrescando-as, até se bifurcar e desaparecer já em plena cidade colonial. Quantas vezes caminhou de mãos dadas com o pai, debaixo da sombra rumorosa dos loureiros da Independencia. Vinham pela César Nicolás Penson até esta avenida e depois seguiam até o parque Independencia. Na sorveteria italiana, do lado direito, no começo de El Conde, tomavam um sorvete de coco, manga ou goiaba. Como se sentia orgulhosa de mãos dadas com aquele senhor — o senador Agustín Cabral, o ministro Cabral. Todos o conheciam. Chegavam perto, davam a mão, tiravam o chapéu, faziam medidas, e policiais e militares batiam os calcanhares ao vê-lo passar. Como você deve ter sentido falta desses anos em que era tão importante, papai, depois que virou um pobre diabo como qualquer outro. Eles se contentaram insultando você no “Foro Público”, mas não o prenderam como fizeram com Anselmo Paulino. Era isso que você mais temia, não é mesmo? Que, um belo dia, o Chefe ordenasse: metam o Craninho na cadeia! Você teve sorte, papai.

Já estava andando havia quarenta e cinco minutos e ainda faltava um bom pedaço até o hotel. Se tivesse trazido dinheiro, entraria em algum bar para tomar o café da manhã e descansar. O suor a faz enxugar o rosto o tempo todo. Os anos passam, Urania. Aos quarenta e nove ninguém é mais jovem, embora você se conserve melhor que outras. Mas não é de se jogar fora, a julgar pelos olhares que, à direita e à esquerda, pousam no seu rosto e no seu corpo, insinuantes, ambiciosos, descarados, insolentes, de machos acostumados a despir todas as fêmeas da rua com os olhos e os pensamentos. “Quarenta e nove anos maravilhosamente bem vividos, Uri”, disse Dick Litney, seu amigo e colega de trabalho em Nova York, no dia do seu aniversário, audácia que nenhum homem do escritório se permitiria a menos que tivesse, como Dick naquela noite, entornado dois ou três uísques. Pobre Dick. Ficou todo vermelho e confuso quando Urania o congelou com um olhar lento desses que usava havia trinta e cinco anos para enfrentar as cantadas, piadas atrevidas, gracejos, alusões ou canalhices dos homens e, às vezes, das mulheres.

Ela para, tentando recuperar o fôlego. Sente o coração descontrolado, subindo e descendo dentro do peito. Está na esquina da Independencia com a Máximo Gómez, esperando para atravessar no meio de um grupo de homens e mulheres. Seu nariz registra uma variedade de aromas tão grande quanto o sem-fim de sons que martelam os seus ouvidos: o óleo que os motores dos ônibus queimam e os escapamentos expellem, línguas de fumaça que se desmancham ou ficam flutuando sobre os pedestres; cheiro de gordura e fritura, vindo de uma barraca onde crepitam duas frigideiras e se vendem lanches e bebidas, e o aroma denso, indefinível, tropical, de resinas e folhagem em decomposição, de corpos suando, um ar impregnado de essências animais, vegetais e humanas que o sol protege, atrasando sua dissolução e evanescência. É um aroma quente, que toca em alguma fibra íntima da sua memória e a devolve à infância, às buganvílias multicoloridas penduradas nos tetos e nas sacadas, a esta avenida Máximo Gómez. O Dia das Mães! É claro. Maio de sol radiante, chuvas diluviais, calor. As meninas do Colégio Santo Domingo escolhidas para entregar flores a Mamãe Julia, a Excelsa Matrona, genitora do Benfeitor, espelho e símbolo da mãe dominicana. Vieram num ônibus do colégio, com seus uniformes brancos imaculados, acompanhadas pela superiora e pela *sister* Mary. Você estava ardendo de curiosidade, orgulho, carinho e respeito. Ia entrar, representando o colégio, na casa de Mamãe Julia. Ia recitar para ela o poema “Mãe e mestra, Matrona Excelsa”, que tinha escrito, decorado e recitado dezenas de vezes na frente do espelho, diante de suas colegas, de Lucinda e Manolita, do papai, das *sisters*, e que repetiu em silêncio para ter certeza de não esquecer uma sílaba. Quando chegou o momento glorioso, na grande casa rosada de Mamãe Julia, aturdida com tantos militares, senhoras, ajudantes e delegações que lotavam os jardins, quartos e corredores, embargada de emoção e de ternura, ao dar um passo à frente, a um metro da velhinha que lhe sorria com benevolência em sua cadeira de balanço, com a braçada de rosas que a superiora acabava de lhe entregar, a garganta se fechou e houve um branco em sua mente. Você começou a chorar. Ouviu risos, palavras de encorajamento, das senhoras e dos senhores que rodeavam Mamãe Julia. A Excelsa Matrona lhe disse, risonha, para se aproximar. Então Uranita reagiu, enxugou as lágrimas, se aprumou e, firme e rápida, embora sem a entonação devida, recitou “Mãe e mestra, Matrona Excelsa” de um só fôlego. Todos aplaudiram. Mamãe Julia lhe acariciou o cabelo e, com sua boquinha franzida em mil rugas, beijou-a.

Afinal, a luz muda de cor. Urania continua o seu caminho, protegida do sol pela sombra das árvores da avenida Máximo Gómez. Já faz uma hora que está andando. É agradável caminhar sob os loureiros, descobrir esses arbustos de florzinhas vermelhas e pistilo dourado, o hibisco, aqui conhecido como sangue-de-cristo, absorta em seus pensamentos, embalada pela anarquia de vozes e músicas, porém atenta aos desníveis, buracos, poças, deformações das calçadas, sempre a um triz de tropeçar ou de meter o pé nas porcarias que os vira-latas farejam. Você era feliz naquela época? Quando foi levar flores e recitar o poema para a Excelsa Matrona com o grupo de alunas do Santo Domingo, no Dia das Mães, era. Se bem que, desde que a figura protetora, belíssima da sua infância sumiu da casinha da rua César Nicolás Penson, talvez a noção de felicidade também tenha se evaporado da vida de Urania. Mas seu pai e seus tios — principalmente tia Adelina e tio Aníbal, e as primas Lucindita e Manolita — e os velhos amigos fizeram o possível para preencher a ausência da mãe com paparicos e mimos, para que você não se sentisse sozinha, diminuída. O seu pai, naqueles anos, foi pai e mãe. Por isso você o amava tanto. Por isso havia doído tanto, Urania.

Quando chega à entrada dos fundos do Jaragua, um portão largo, na grade, por onde entram os carros, os mordomos, os cozinheiros, as garçonetes, os faxineiros, você não para. Para onde está indo? Você não havia decidido nada. Nem lhe passava pela cabeça, concentrada na sua infância, no colégio, nos domingos em que ia com tia Adelina e as primas às sessões infantis do Cinema Elite, a ideia de não entrar no hotel para tomar o café da manhã e um banho. Foram seus pés que decidiram continuar. Ela caminha sem hesitar, certa do rumo, entre os pedestres e os carros impacientes com os sinais de trânsito. Você tem mesmo certeza de que quer ir aonde está indo, Urania? Agora sabe que vai, por mais que depois tenha que lamentar.

Dobra à esquerda na rua Cervantes e avança até a Bolívar, reconhecendo, como se estivesse em um sonho, as casas de um ou dois andares, com cercas e jardins, varandas abertas e garagens, que despertam nela um sentimento familiar, aquelas imagens preservadas, deterioradas, ligeiramente desbotadas, lascadas, enfeadas com acréscimos e colagens, quatinhos construídos nos terraços, agregados nas laterais, ou no meio dos jardins, para alojar os descendentes que se casam e não podem morar sozinhos e vêm se somar às famílias, exigindo mais espaço. Passa por lavanderias, farmácias, floriculturas, bares, placas de dentistas, médicos, contadores e advogados. Na avenida

Bolívar, anda como se quisesse alcançar alguém, como se fosse começar a correr. Seu coração quase salta pela boca. A qualquer momento você vai desabar no chão. Na altura da Rosa Duarte, vira à esquerda e corre. Mas o esforço é excessivo e volta a andar, agora mais devagar, bem perto do muro quase branco de uma casa, para o caso de que a vertigem se repita e você precise se apoiar nele para recuperar o fôlego. Tirando um ridículo prédio estreitíssimo de quatro andares, onde ficava a casinha cercada de arame farpado do doutor Estanislao, que a operou das amídalas, nada tinha mudado; poderia jurar que aquelas empregadinhas que estão varrendo os jardins e as fachadas vêm cumprimentá-la: “Oi, Uranita. Tudo bem, garota. Como você cresceu, menina. Aonde vai tão apressada, minha mãe de Deus.”

A casa também não mudou muito, embora em sua memória o cinza das paredes fosse mais intenso e agora está desbotado, cheio de manchas, descascado. O jardim se transformou num matagal de capim, folhas mortas e grama seca. Ninguém devia regar nem podar há anos. Lá está a mangueira. O flamboiã era este? Possivelmente, quando tinha folhas e flores; agora, é um tronco de braços cortados e raquíticos.

Urania se encosta na porta de ferro batido que dá para o jardim. O caminho de lajotas com grama nas juntas está bolorento e, na varanda, vê uma cadeira torta, com um pé quebrado. Os móveis de cretone amarelo sumiram. Também sumiu a luzinha do canto, com vidros esmerilhados, que iluminava a varanda, em volta da qual as borboletas se aglomeravam de dia e à noite zumbiam os insetos. A sacadinha do seu quarto não tem mais a buganvília malva que a cobria: agora é um alpendre de cimento, com manchas de ferrugem.

No fundo da varanda uma porta se abre com um longo gemido. Uma figura feminina, de uniforme branco, a encara com curiosidade:

— Está procurando alguém?

Urania não consegue responder; está muito agitada, emocionada, assustada. Fica muda, olhando para a desconhecida.

— O que deseja? — pergunta a mulher.

— Eu sou Urania — diz, afinal. — A filha de Agustín Cabral.

II

Acordou paralisado por uma sensação de catástrofe. Imóvel, ficou piscando na escuridão, aprisionado em uma teia de aranha e a ponto de ser devorado por um inseto peludo e cheio de olhos. Por fim conseguiu esticar a mão até a mesinha onde ficavam o revólver e a metralhadora destravada. Mas, em lugar da arma, pegou o despertador: dez para as quatro. Respirou. Agora sim, estava totalmente acordado. Pesadelos, de novo? Ainda tinha alguns minutos, porque, maníaco da pontualidade, não se levantava da cama antes das quatro. Nem um minuto antes, nem um minuto depois.

“Devo tudo o que sou à disciplina”, pensou. E essa disciplina, norte da sua vida, ele a devia aos *marines*. Fechou os olhos. As provas que fez em San Pedro de Macorís para ser admitido na Polícia Nacional Dominicana, que os americanos decidiram criar no terceiro ano de ocupação, foram muito duras. Ele passou sem dificuldade. No treinamento, metade dos aspirantes tinha sido eliminada. Ele desfrutou de todos os exercícios de agilidade, arrojo, audácia ou resistência, e até daqueles, ferozes, destinados a provar a força de vontade e a obediência aos superiores, como entrar em pântanos com todo o equipamento de campanha ou sobreviver na selva bebendo a própria urina e mastigando caules, ervas, gafanhotos. O sargento Gittleman lhe deu a mais alta qualificação: “Você vai longe, Trujillo.” Foi, sim, graças a essa disciplina desumana, de heróis e místicos, que os *marines* lhe ensinaram. Pensou com gratidão no sargento Simon Gittleman. Um gringo leal e desinteressado, naquele país de sacanas, vampiros e imbecis. Por acaso os Estados Unidos tiveram algum amigo mais sincero do que ele nos últimos trinta e um anos? Que governo os apoiou mais na ONU? Qual foi o primeiro país a declarar guerra à Alemanha e ao Japão? Quem recheou com mais dólares os bolsos dos representantes, senadores, governadores, prefeitos, advogados e jornalistas dos Estados Unidos? O pagamento que recebia: as sanções econômicas da OEA, para agradar aquele escurinho do Rómulo Betancourt e continuar mamando o petróleo venezuelano. Se Johnny Abbes tivesse feito as coisas direito, e a bomba tivesse arrancado a cabeça daquele veado do Rómulo, não haveria sanções e os imbecis dos americanos não ficariam amolando com essa história de soberania,

democracia e direitos humanos. Mas, nesse caso, ele não descobriria que, naquele país de duzentos milhões de escrotos, tinha um amigo como Simon Gittleman. Capaz de iniciar uma campanha pessoal em defesa da República Dominicana, lá em Phoenix, Arizona, onde tinha negócios desde que saiu dos *marines*. Sem pedir um tostão! Ainda havia homens assim entre os *marines*. Sem pedir nem cobrar! Que lição para os sanguessugas do Senado e da Câmara de Representantes que ele engordava havia tantos anos, sempre querendo mais cheques, mais concessões, mais decretos, mais renúncias fiscais, e que agora, quando mais precisava deles, se faziam de desentendidos.

Olhou o relógio: ainda faltavam quatro minutos. Um gringo magnífico, Simon Gittleman! Um verdadeiro *marine*. Largou todos os seus negócios no Arizona, indignado com a ofensiva da Casa Branca, a Venezuela e a OEA contra Trujillo, e bombardeou a imprensa americana com cartas lembrando que, durante toda a Era Trujillo, a República Dominicana foi um baluarte do anticomunismo, o melhor aliado dos Estados Unidos no hemisfério ocidental. Como se não bastasse, fundou — pagando do próprio bolso, cacete! — comitês de apoio, lançou publicações, organizou conferências. E, para dar o exemplo, veio com a família morar em Trujillo e alugou uma casa no *malecón*. Simon e Dorothy iam almoçar com ele no Palácio ao meio-dia e o *ex-marine* receberia a Ordem de Mérito Juan Pablo Duarte, a mais alta condecoração dominicana. Um verdadeiro *marine*, sim senhor!

Quatro em ponto, agora sim. Acendeu o abajur da mesinha, calçou os chinelos e se levantou, sem a agilidade de antigamente. Seus ossos doíam e sentia os músculos das pernas e das costas, como acontecera uns dias antes, na Casa de Caoba, na maldita noite daquela garotinha insossa. O desagrado o fez ranger os dentes. Quando se dirigia para a cadeira onde Sinforoso tinha deixado seu agasalho e as alpargatas, uma suspeita o deteve. Ansioso, observou os lençóis: uma manchinha cinzenta sem forma maculava a brancura do linho. Tinha escapado, outra vez. A indignação apagou a lembrança desagradável da Casa de Caoba. Porra! Porra! Aquilo não era um inimigo que ele pudesse derrotar como as centenas, milhares de inimigos que havia enfrentado e vencido, ao longo dos anos, comprando, intimidando ou matando. Vivia dentro dele, carne da sua carne, sangue do seu sangue. E o estava destruindo justamente quando mais precisava de força e saúde. A garotinha-esqueleto lhe dera azar.

Encontrou imaculadamente lavados e passados o suporte, o short, a camiseta, o tênis. Vestiu-se, com esforço. Nunca tinha precisado de muitas horas de sono; desde jovem, em San Cristóbal, ou quando era chefe de guardas rurais no engenho Boca Chica, quatro ou cinco horas eram suficientes, mesmo se tivesse bebido e trepado até o amanhecer. Sua capacidade de recuperação física, com um mínimo de repouso, contribuiu para lhe criar uma aura de ser superior. Isso acabou. Agora acordava cansado e não conseguia dormir nem quatro horas; duas ou três, no máximo, e ainda por cima sobressaltadas por pesadelos.

Na noite anterior ficara sem dormir, na escuridão. Pelas janelas via as copas de algumas árvores e um pedaço de céu adornado de estrelas. Na noite clara lhe chegava, vez por outra, o falatório daquelas velhas tresnoitadas declamando poemas de Juan de Dios Peza, de Amado Nervo, de Rubén Darío (o que o fez suspeitar que o Imundície Ambulante, que sabia Darío de cor, estava entre elas), os *Vinte poemas de amor* de Pablo Neruda e as décimas picantes de Juan Antonio Alix. E, naturalmente, os versos de dona María, escritora e moralista dominicana. Deu uma risada quando subiu na bicicleta ergométrica e começou a pedalar. Sua mulher acabara levando a coisa a sério e, de vez em quando, organizava noitadas literárias no salão de patinação da Estância Radhamés para as quais convidava declamadoras que recitavam versos idiotas. O senador Henry Chirinos, que era metido a poeta, costumava participar desses saraus, onde alimentava a sua cirrose por conta do erário. Para caírem nas graças de María Martínez, aquelas velhas idiotas, tal como o próprio Chirinos, tinham decorado páginas das *Meditações morais* ou monólogos da pecinha de teatro *Falsa amizade*, que recitavam e depois todas as periquitas aplaudiam. E sua mulher — pois aquela velha gorda e imbecil, a Excelsa Dama, era sua mulher, afinal de contas — tinha levado mesmo a sério essa história de escritora e moralista. Por que não? Não era o que diziam os jornais, as rádios, a televisão? As suas *Meditações morais*, prefaciadas pelo mexicano José Vasconcelos, reimpressas de dois em dois meses, não era um livro de leitura obrigatória nas escolas? *Falsa amizade* não fora o maior sucesso teatral dos trinta e um anos da Era Trujillo? Não tinha sido enaltecida pelos críticos, jornalistas, professores universitários, padres, intelectuais? Não dedicaram um seminário no Instituto Trujilloniano para debatê-la? Os seus conceitos não tinham sido elogiados pelos homens de batina, os bispos, esses corvos traidores, esses judas, que depois de mamarem nos seus bolsos agora também

começaram, como os ianques, a falar de direitos humanos? A Excelsa Dama era escritora e moralista. Não graças a si mesma, mas a ele, como tudo o que acontecia neste país havia três décadas. Trujillo podia fazer a água se transformar em vinho e os pães se multiplicarem, se lhe desse na telha. Ele lembrou essas coisas a María na última briga que tiveram: “Já se esqueceu que quem escreveu essas bobagens não foi você, que não sabe escrever o próprio nome sem erros de gramática, foi o galego traidor José Almoína, pago por mim. Sabe o que o povo diz? Que as iniciais de *Falsa amizade*, F e A, querem dizer: Foi Almoína.” Teve outro ataque de riso, franco, alegre. A amargura tinha desaparecido. María começou a chorar, “Como você me humilha!”, e ameaçou se queixar com a Mamãe Julia. Como se a sua pobre mãe, aos noventa e seis anos, estivesse interessada em problemas de família. Tal como seus irmãos, sua mulher sempre recorria à Excelsa Matrona para chorar as mágoas. Para fazer as pazes, ele teve que molhar sua mão mais uma vez. Era verdade aquilo que os dominicanos diziam em voz baixa: a escritora e moralista era mesmo mesquinha, uma alma podre. E isso desde que os dois eram amantes. Ainda jovenzinha, ela teve a ideia de montar a lavanderia para os uniformes da Polícia Nacional Dominicana, com a qual ganhou os seus primeiros pesos. Pedalar tinha aquecido o seu corpo. Estava se sentindo em forma. Quinze minutos: era suficiente. Mais quinze de remo, antes de começar a batalha do dia.

O remo ficava num quartinho anexo, abarrotado de aparelhos de exercícios. Quando estava começando a remar, um relincho vibrou na quietude do amanhecer, longo, musical, como um alegre louvor à vida. Quanto tempo fazia que não andava a cavalo? Meses. Isso nunca o cansara, depois de cinquenta anos ele continuava adorando montar, como o primeiro gole de uma taça de *brandy* espanhol Carlos I ou o primeiro olhar no corpo nu, branco, de formas opulentas, de uma fêmea desejada. Mas a lembrança da magrela que aquele filho da puta conseguiu meter na sua cama envenenou essa ideia. Teria feito aquilo sabendo da humilhação que ele passaria? Ele não tinha colhões para isso. A menina deve ter contado e, ele, rido às gargalhadas. O caso já devia estar circulando pelas bocas mexeriqueiras, nos botecos de El Conde. Tremeu de vergonha e de raiva, sem parar de remar com regularidade. Já estava suando. Se o vissem! Outro mito que repetiam ao seu respeito era: “Trujillo nunca sua. Em pleno verão, ele usa aqueles uniformes pesados, tricórnio de veludo e luvas, e não se vê um brilho de suor na sua testa.” Ele não suava quando não queria.

Mas, na intimidade, quando fazia os seus exercícios, autorizava o corpo a suar. Nesta última época, difícil, cheia de problemas, tinha se privado dos cavalos. Quem sabe esta semana iria a San Cristóbal. E lá cavalgaria sozinho, sob as árvores, junto ao rio, como antigamente, e se sentiria rejuvenescido. “Nem mesmo os braços de uma fêmea são tão afetuosos como o lombo de um alazão.”

Parou de remar quando sentiu uma cáibra no braço esquerdo. Depois de enxugar o rosto, olhou para a calça, na altura da braguilha. Nada. Ainda estava escuro. As árvores e os arbustos dos jardins da Estância Radhamés eram manchas pretas, sob um céu limpo, cheio de luzinhas cintilantes. Como era o verso de Neruda que as periquitas amigas da moralista tanto apreciavam? “E tiritam, azuis, os astros a distância.” Aquelas velhas tiritavam sonhando que algum poeta coçava as suas comichões. E só tinham por perto o Chirinos, aquele Frankenstein. Soltou outra risadinha aberta, coisa que raramente lhe acontecia nos últimos tempos.

Tirou a roupa e, de chinelos e roupão, foi se barbear no banheiro. Ligou o rádio. Na Voz Dominicana e na Rádio Caribe davam as notícias dos jornais. Até alguns anos antes, os boletins começavam às cinco. Mas quando seu irmão Petán, proprietário da Voz Dominicana, soube que ele acordava às quatro, adiantou o noticiário. As outras emissoras o imitaram. E, como sabiam que ele ouvia rádio enquanto fazia a barba, tomava banho e se vestia, todas caprichavam.

A Voz Dominicana, depois de um *jingle* do Hotel Restaurante El Conde sobre uma noite dançante com Los Colosos del Ritmo dirigidos pelo professor Gatón e com o cantor Johnny Ventura, noticiou a entrega do prêmio viúva Julia Molina Trujillo à Mãe Mais Prolífica. A vencedora, dona Alexandrina Francisco, com vinte e um filhos vivos, declarou ao receber a medalha com a efígie da Excelsa Matrona: “Meus vinte e um filhos dão a vida pelo Benfeitor, se ele pedir.” “Não acredito, babaca.”

Escovou os dentes e agora estava se barbeando, com a mesma minúcia com que o fazia desde que era um jovem que vivia na penúria, em San Cristóbal, quando nunca sabia se a coitada da sua mãe, a quem o país inteiro prestava homenagens no Dia das Mães (“Manancial de caridosos sentimentos e genitora do ilustre homem que nos governa”, disse o locutor), teria feijão e arroz à noite para dar às oito bocas da família. A limpeza, o cuidado com o corpo e com o vestuário eram, para ele, a única religião que praticou com rigor.

Depois de outra longa lista de pessoas que haviam ido à casa de Mamãe Julia felicitá-la pelo Dia das Mães (pobre velha, recebendo impassível aquela caravana de colégios, associações, institutos, sindicatos, e agradecendo as flores e agrados com sua vozinha fraca), começaram os ataques aos bispos Reilly e Panal, “que não nasceram sob o nosso sol nem sofreram sob a nossa lua” (“Bonito”, pensou), “e se metem na nossa vida civil e política, ultrapassando os limites da lei”. Johnny Abbes queria entrar no Colégio Santo Domingo e arrancar o bispo americano do seu refúgio. “O que pode acontecer, Chefe? Os gringos vão protestar, é claro. Eles não protestam por tudo, há muito tempo? Por causa de Galíndez, do piloto Murphy, das Mirabal, do atentado contra Betancourt e mil outras coisas. Não faz diferença que rosnem em Caracas, Porto Rico, Washington, Nova York, Havana. Importa o que acontece aqui. A Igreja só vai parar de conspirar quando levar um susto.” Mas não. Ainda não havia chegado o momento de acertar as contas com Reilly, ou com aquele outro filho da puta, o espanholzinho bispo Panal. A hora deles ia chegar, e eles pagariam direitinho. Seu instinto nunca falhava. Por enquanto, ele não ia tocar num fio de cabelo dos bispos mesmo que continuassem azucrinando, como faziam desde o dia 25 de janeiro de 1960 — um ano e meio já! —, quando a Carta Pastoral do Episcopado foi lida em todas as missas, inaugurando a campanha da Igreja Católica contra o regime. Malditos! Corvos! Eunucos! Como podiam fazer isso com ele, condecorado por Pio XII no Vaticano com a Grã-Cruz da Ordem Papal de São Gregório. Na Voz Dominicana, Paíno Pichardo lembrava, num discurso pronunciado na véspera, em sua condição de secretário de Estado do Interior e dos Cultos, que o Estado havia gastado sessenta milhões de pesos com essa Igreja cujos “bispos e sacerdotes agora fazem tanto mal à grei católica dominicana”. Rodou o dial. Na Rádio Caribe era lida uma carta de protesto de centenas de operários porque suas assinaturas não foram incluídas no Grande Manifesto Nacional “contra as maquinações subversivas do bispo Tomás Reilly, traidor de Deus, de Trujillo e da sua condição de homem, pois, em vez de permanecer na sua diocese de San Juan de la Maguana, foi se esconder correndo em Trujillo, como um rato assustado, entre as saias das freiras americanas do Colégio Santo Domingo, celeiro de terrorismo e de conspiração.” Quando ouviu que o Ministério da Educação havia retirado o caráter oficial do Colégio Santo Domingo por “envolvimento dessas freiras forâneas com as intrigas terroristas dos cardeais de San Juan de la Maguana e de La Vega contra o Estado”, voltou à Voz Dominicana, a tempo de

ouvir o locutor anunciar outra vitória do time dominicano de polo, em Paris, onde, “no bonito campo de Bagatelle, depois de derrotar os Leopards por cinco a quatro, conquistou a Taça Aperture, deslumbrando o exigente público ali presente.” Ramfis e Radhamés, os jogadores mais aplaudidos. Mentira, para enrolar os dominicanos. E ele. Sentiu na boca do estômago a acidez que o atacava toda vez que pensava nos filhos, uns fracassos bem-sucedidos, umas desilusões. Jogando polo em Paris e comendo as francesas, enquanto o pai enfrentava a batalha mais dura da sua vida!

Lavou o rosto. Seu sangue se avinagrava sempre que pensava nos filhos. Meu Deus, não era ele quem tinha falhado. Sua raça era saudável, sempre foi um ganhão reprodutor de alto nível. Como prova, tinha os filhos que sua seiva gerou em outros ventres, no de Lina Lovatón sem ir mais longe, robustos, enérgicos, que mereciam mil vezes ocupar o lugar desses dois parasitas, dessas nulidades com nomes de personagem de ópera. Por que tinha permitido que a Excelsa Dama pusesse nos filhos os nomes da ópera *Aída*, que numa hora infeliz vira em Nova York? Esses nomes deram azar; fizeram deles uns palhaços de opereta em vez de homens de cabelo nas ventas. Uns boêmios, uns desocupados sem caráter nem ambição, bons só para a farra. Os dois tinham puxado aos seus irmãos, não a ele. Uns inúteis, como o Negro, Petán, Pipí, Aníbal, a cambada de safados, parasitas, zangões e zés-ninguém que eram seus irmãos. Nenhum deles tinha um milionésimo da sua energia, vontade ou visão. O que iria acontecer com este país quando ele morresse? Vai ver, Ramfis nem era tão bom de cama como dizia a fama que os puxa-sacos lhe davam. Comeu a Kim Novak! Comeu a Zsa Zsa Gabor! Traçou Debra Paget e a metade de Hollywood! Grandes coisas. Dando Mercedes, Cadillacs e casacos de visom de presente, até o doido Valeriano comia a Miss Universo e Elizabeth Taylor. Coitado do Ramfis. Desconfiava que ele nem mesmo gostava muito de mulher. Gostava é das aparências, que dissessem que ele é o maior fodedor do país, melhor que Porfirio Rubirosa, o dominicano famoso no mundo inteiro pelo tamanho do pau e por suas proezas de ganhão internacional. Será que também jogava polo com seus filhos, lá em Bagatelle, o Grande Estuprador? A simpatia que ele sentia por Porfirio desde que este integrava o seu corpo de ajudantes de ordens, um sentimento que se conservou apesar do fracasso do seu casamento com a sua filha mais velha, Flor de Oro, melhorou o seu humor. Porfirio era ambicioso e comeu grandes mulheres, da francesa Danielle

Darrioux à multimilionária Barbara Hutton, sem dar a elas sequer um buquê de flores; ao contrário, extorquindo-as, enriquecendo à custa delas.

Encheu a banheira com sais e bolhas e mergulhou nela com a satisfação intensa de todas as manhãs. Porfirio sempre levou uma boa vida. Seu casamento com Barbara Hutton tinha durado um mês, o necessário para arrancar dela um milhão de dólares em dinheiro e outro em propriedades. Se Ramfis ou Radhamés pelo menos fossem como Porfirio! Aquele homem-piroca jorrava ambição. E, como todo vitorioso, tinha inimigos. Sempre vinham lhe fazer intrigas, recomendações de que tirasse Rubirosa da carreira diplomática porque seus escândalos manchavam a imagem do país. Invejosos. Que melhor propaganda podia haver para a República Dominicana que um pau assim. Desde que ele se casou com Flor de Oro, todos queriam que o Chefe arrancasse a cabeça daquele mulato fornicador que seduziu a sua filha, conquistando sua admiração. Não ia fazer isso. Ele conhecia os traidores, já os farejava antes que eles mesmos soubessem que iam trair. É por isso que ainda estava vivo, enquanto tantos judas apodreciam em La Quarenta, La Victoria, na ilha Beata, na barriga dos tubarões, ou engordavam os vermes da terra dominicana. Pobre Ramfis, pobre Radhamés. Ainda bem que Angelita tinha um pouco de caráter e permanecia ao seu lado.

Saiu da banheira e tomou uma chuveirada rápida. O contraste da água quente com a fria o estimulou. Agora sim estava com ânimo. Enquanto passava desodorante e talco, prestou atenção na Rádio Caribe que divulgava as ideias e lemas do “malvado inteligente”, como ele chamava Johnny Abbes quando estava de bom humor.

Diziam impropérios contra “o rato de Miraflores”, “a escória venezuelana”, e o locutor, fazendo propositalmente uma voz de veado, afirmava que, além de matar de fome o povo venezuelano, o Presidente Rómulo Betancourt não dava muita sorte à Venezuela, pois viram como tinha explodido outro avião da Linha Aerpostal Venezuelana, deixando sessenta e dois passageiros mortos? Aquela bichona não ia se sair bem. Havia conseguido que a OEA impusesse as sanções, mas quem ri por último ri melhor. Nem o rato do Palácio de Miraflores, nem Muñoz Marín, o viciado de Porto Rico, nem Figueres, o pistoleiro costa-riquenho, o preocupavam. A Igreja, sim. Perón lhe avisara, quando partiu de Trujillo rumo à Espanha: “Tome cuidado com os padres, Generalíssimo. Quem me derrubou não foi a oligarquia nem os militares; foram os padrecos. Faça um pacto com a Igreja ou acabe com ela de uma vez.”

Mas não iriam derrubá-lo. Chateavam, isso sim. Desde aquele fatídico dia 25 de janeiro de 1960, há exatamente um ano e quatro meses, não tinham deixado de chatear um só dia. Cartas, memoriais, missas, novenas, sermões. Tudo o que os canalhas de batina faziam e diziam contra ele repercutia no exterior, e os jornais, rádios e televisões falavam de uma queda iminente de Trujillo, agora que “a Igreja lhe virou as costas”.

Vestiu a cueca, a camiseta e as meias, que Sinforoso deixara dobradas na véspera, perto do armário, ao lado do cabide onde estavam pendurados o terno cinza, a camisa branca e a gravata azul de bolinhas brancas que ia usar esta manhã. Em que será que o bispo Reilly no Santo Domingo empregava seus dias e suas noites? Estaria trepando com freiras? Elas eram horríveis, algumas tinham pelos no rosto. Ele se lembrava bem, Angelita estudara nesse colégio, o colégio das pessoas de bem. As suas netinhas também. Como essas freiras o bajulavam, até a Carta Pastoral. Talvez Johnny Abbes tivesse razão, já era hora de agir. Como os manifestos, artigos, protestos das rádios e da televisão, das instituições, do Congresso não haviam dado uma boa lição a essa gente, pau neles. Foi o povo que fez! Empurrou os guardas que protegiam os bispos estrangeiros, irrompeu em Santo Domingo e no bispado de La Vega, arrastou o gringo Reilly e o espanhol Panal pelos cabelos e os linchou. Vingou a ofensa que eles fizeram à pátria. Mandariam mensagens de pêsames e de desculpas ao Vaticano, ao Santo Padre João Babaca — Balaguer era um mestre para escrevê-las — e castigariam exemplarmente um punhado de culpados, escolhidos entre os criminosos comuns. Será que os outros corvos aprenderiam quando vissem os cadáveres dos bispos esquartejados pela ira popular? Não, não era o momento certo. Nada de dar pretextos para que Kennedy fizesse a vontade de Betancourt, Muñoz Marín e Figueres, e ordenasse um desembarque. Precisava manter a cabeça fria e agir com cautela, como um *marine*.

Mas o que a razão lhe ditava não convencia as suas glândulas. Parou de se vestir, quase cego. A raiva subia em todos os pontos do seu corpo, um rio de lava se elevando até o cérebro, que parecia crepitar. De olhos fechados, contou até dez. A raiva fazia mal para o governo e para o seu coração, provocava infarto. Na outra noite, na Casa de Caoba, ele quase teve uma síncope. Mal foi se acalmando. Sempre soube controlá-la quando era preciso: disfarçar, mostrar-se cordial, afetuoso, com a pior escória humana, as viúvas, filhos ou irmãos dos traidores, se necessário. Por isso ia completar trinta e dois anos carregando o peso de um país nas costas.

Estava concentrado na complexa tarefa de prender as meias nas ligas, para que ficassem esticadas. Mas era agradável poder soltar a raiva quando isso não significava nenhum risco para o Estado, quando se podia dar a todos os ratos, sapos, hienas e víboras o tratamento que mereciam. As barrigas dos tubarões eram testemunhas de que ele não se privara desse prazer. Prova disso era o cadáver do pérfido galego José Almoína, lá no México. E o do basco Jesus de Galíndez, outra víbora que mordida a mão em que comia. E o de Ramón Marrero Aristy que, por ser escritor famoso, achou que podia dar ao *The New York Times* informações contra o governo que lhe pagava os porres, as edições e as putas. E os das três irmãs Mirabal, que gostavam de brincar de comunistas e de heroínas, também eram testemunhos de que quando ele botava a raiva para fora não havia represa que a contivesse. Até Valeriano e Barajita, os maluquinhos de El Conde, podiam atestar isso.

Ficou com um sapato na mão, lembrando da célebre dupla. Uma verdadeira instituição na cidade colonial. Os dois moravam sob os loureiros do parque Colón, entre os arcos da catedral, e, na hora de maior movimento, apareciam nas portas das elegantes sapatarias e das joalherias chiques de El Conde fazendo o seu número de doidos para que as pessoas lhes dessem uma moeda ou alguma coisa de comer. Ele vira Valeriano e Barajita muitas vezes, com seus farrapos e seus enfeites absurdos. Quando Valeriano achava que era Cristo, vinha arrastando uma cruz; quando se julgava Napoleão, brandia um cabo de vassoura, berrava ordens e avançava contra o inimigo. Um *calié* de Johnny Abbes passou a informação de que o louco Valeriano andava ridicularizando o Chefe, chamando-o de Chapinha. Sentiu curiosidade. Foi espiar, num carro de vidros escuros. O velho, com o peito cheio de espelhinhos e tampas de cerveja, se pavoneava com um ar de palhaço, exibindo suas medalhas para uma roda de gente assustada, na dúvida entre rir ou fugir. “Aplaudam o Chapinha, seus babacas”, gritava Barajita, apontando para o peito rutilante do louco. Ele então sentiu uma incandescência percorrer o corpo, cegando-o, urgindo-o a castigar aquele atrevido. Deu a ordem, na hora. Mas na manhã seguinte, pensando que, afinal de contas, os loucos não sabem o que fazem, e que, em vez de castigar Valeriano, devia era apanhar os engraçadinhos que tinham instruído a dupla, ordenou a Johnny Abbes, num amanhecer escuro como este: “Os loucos são loucos. Solte-os.” O chefe do Serviço de Inteligência Militar fez uma careta: “Tarde demais, Excelência. Já os jogamos para os tubarões, ontem mesmo. Vivos, como o senhor mandou.”

Levantou-se, já calçado. Um estadista não se arrepende das suas decisões. Ele nunca se arrependeu de coisa nenhuma. Também ia jogar vivos esses bispos para os tubarões. Começou a etapa da higiene matutina, que sempre fazia com verdadeiro deleite, lembrando um romance que leu quando jovem, o único que nunca esquecera: *Quo Vadis?* Uma história de romanos e cristãos, da qual sempre recordava a figura do refinado e riquíssimo Petrônio, Árbitro da elegância, ressuscitando toda manhã graças às massagens e abluções, unguentos, essências, perfumes e carícias das suas escravas. Se tivesse tempo, ele faria o mesmo que o Árbitro: passaria a manhã inteira nas mãos de massagistas, pedicures, manicures, cabeleireiros, lavadores, depois dos exercícios para trabalhar os músculos e ativar o coração. Mas só recebia uma massagem curta ao meio-dia, depois do almoço, e, com mais calma, aos domingos, quando podia roubar duas ou três horas às suas absorventes obrigações. Mas os tempos não eram ideais para relaxar com as sensualidades do grande Petrônio. Ele tinha que se contentar com estes dez minutos passando o perfumado desodorante Yardley que Manuel Alfonso lhe mandava de Nova York — coitado do Manuel, como estaria, depois da operação —, o suave creme hidratante francês Bienfait du Matin para o rosto e a água de colônia, com uma ligeira fragrância de milharal, também Yardley, que friccionou no peito. Depois de pentear-se e aparar as pontas do bigodinho fino que usava havia vinte anos, passou talco no rosto com esmero, até esconder, com uma delicadíssima nuvem esbranquiçada, a cor escura dos seus antepassados maternos, os negros haitianos, que ele sempre desprezara nas peles alheias e na própria.

Estava todo vestido, de paletó e gravata, seis minutos antes das cinco. Constatou isso com satisfação: nunca passava da hora. Aquilo era uma das suas superstições; se não entrasse no escritório às cinco em ponto, alguma coisa ruim aconteceria naquele dia.

Foi até a janela. Continuava escuro, como se ainda fosse meia-noite. Mas havia menos estrelas que uma hora antes, pareciam acovardadas. O dia estava prestes a nascer e elas logo desapareceriam. Pegou uma bengala e foi até a porta. Quando a abriu, ouviu os calcanhares dos dois ajudantes de ordens:

— Bom dia, Excelência.

— Bom dia, Excelência.

Respondeu inclinando a cabeça. Com uma olhada, verificou que ambos estavam corretamente uniformizados. Ele não admitia relaxamento, desleixo, em nenhum oficial ou soldado raso das Forças Armadas, mas, no caso dos

ajudantes de ordens, o corpo responsável pela sua guarda, um botão faltando, uma mancha ou dobra na calça ou na jaqueta, um quepe mal-colocado eram falhas muito graves, castigadas com vários dias de punição e, às vezes, expulsão e volta aos batalhões normais.

Uma brisa ligeira balançava as árvores da Estância Radhamés quando passou por elas, ouvindo o sussurro das folhas, e, no estábulo, ouviu outra vez o relincho de um cavalo. Johnny Abbes, relatório sobre o andamento da campanha, visita à Base Aérea de San Isidro, relatório de Chirinos, almoço com o *marine*, três ou quatro audiências, reunião com o secretário de Estado do Interior e Cultos, despacho com Balaguer, despacho com Cucho Álvarez Pina, o Presidente do Partido Dominicano, e passeio pelo *malecón*, depois de ver Mamãe Julia. Iria dormir em San Cristóbal, para esquecer o gosto amargo da outra noite?

Entrou em seu gabinete, no Palácio Nacional, quando o relógio marcava exatamente cinco horas. Na escrivaninha encontrou o café da manhã — suco de frutas, torradas com manteiga, café recém-coado —, com duas xícaras. E, em pé, a silhueta flácida do diretor do Serviço de Inteligência, o coronel Johnny Abbes García:

— Bom dia, Excelência.

III

— Ele não vem — exclamou, de repente, Salvador. — Outra noite perdida, vocês vão ver.

— Vem, sim — respondeu imediatamente Amadito, com impaciência. — Ele vestiu o uniforme verde-oliva. Os ajudantes receberam ordem de preparar o Chevrolet azul. Por que não acreditam em mim? Ele vem.

Salvador e Amadito, no banco de trás do carro estacionado em frente ao *malecón*, tiveram esse mesmo diálogo várias vezes, na meia hora em que estavam ali. Antonio Imbert, ao volante, e Antonio de la Maza, ao seu lado, com o cotovelo na janela, continuavam sem fazer qualquer comentário. Os quatro observavam com ansiedade os poucos veículos de Trujillo que passavam à sua frente, perfurando a escuridão com seus faróis amarelos, rumo a San Cristóbal. Nenhum deles era o Chevrolet 1957 azul-claro, com cortininhas nas janelas, que esperavam.

Estavam a algumas centenas de metros da Feira do Gado, onde havia vários restaurantes — o Pony, o mais popular, devia estar cheio de gente comendo churrasco — e alguns bares com música, mas o vento soprava para o leste e não chegava qualquer som de lá, embora se vissem as luzes, entre os troncos e as copas das palmeiras, ao longe. Em contraste, o barulho das ondas estourando no penhasco e o estrondo da ressaca eram tão fortes que eles precisavam falar em voz alta para se ouvir. O carro, de portas fechadas e faróis apagados, estava pronto para arrancar.

— Lembra quando estava na moda vir tomar ar fresco aqui neste *malecón*, sem ligar para os *caliés*? — Antonio Imbert pôs a cabeça para fora da janela e aspirou a brisa noturna a plenos pulmões. — Foi aqui que começamos a falar a sério deste assunto.

Nenhum dos outros respondeu logo, como se estivessem consultando a memória ou não houvessem prestado atenção no que ele disse.

— Sim, aqui, no *malecón*, há uns seis meses — disse Estrela Sadhalá, após uma pausa.

— Foi antes — murmurou Antonio de la Maza, sem se virar. — Quando mataram as irmãs Mirabal, em novembro, nós comentamos o crime aqui.

Tenho certeza. E já fazia tempo que vínhamos ao *malecón* de noite.

— Parecia um sonho — divagou Imbert. — Difícil, longínquo. Era como essas fantasias que a gente tem na juventude, de que vai virar um herói, um explorador, um artista de cinema. Eu ainda não consigo acreditar que vai ser esta noite, porra.

— Se ele vier — resmungou Salvador.

— Aposto o que você quiser, Turco — repetiu Amadito, com firmeza.

— O que me faz duvidar é que hoje é terça-feira — grunhiu Antonio de la Maza. — Ele sempre vai a San Cristóbal às quartas, você que está na equipe de ajudantes de ordens sabe disso melhor do que ninguém, Amadito. Por que mudou o dia?

— Não sei por quê — insistiu o tenente. — Mas tem que ir hoje. Ele vestiu o uniforme verde-oliva. Pediu o Chevrolet azul. Tem que ir.

— Deve ter uma xoxota à sua espera na Casa de Caoba — disse Antonio Imbert. — Uma novinha, sem abrir.

— Se não for incômodo, prefiro falar de outra coisa — cortou Salvador.

— Eu sempre esqueço que não se pode falar de xoxota na frente de um beato como você — desculpou-se o homem que estava ao volante. — Digamos que ele tem um casinho em San Cristóbal. Posso falar assim, Turco? Ou também ofende os seus ouvidos apostólicos?

Mas ninguém ali estava com vontade de brincar. Nem o próprio Imbert; ele só falava para preencher de algum modo aquela espera.

— Atenção — exclamou De la Maza, esticando o pescoço.

— É um caminhão — replicou Salvador, dando uma rápida olhada nos faróis amarelos que se aproximavam. — Não sou beato nem fanático, Antonio. Sou apenas um praticante da minha fé, só isso. E, depois da Carta Pastoral dos bispos de 31 de janeiro do ano passado, orgulhoso de ser católico.

Era mesmo um caminhão. Passou rugindo e balançando uma carga alta de caixotes amarrados com cordas; o rugido foi se apagando, até desaparecer.

— E um católico não pode falar de xoxota mas pode matar, Turco? — provocou Imbert. Fazia isso com muita frequência: ele e Salvador Estrella Sadhalá eram os amigos mais íntimos do grupo; estavam sempre fazendo brincadeiras um com o outro, às vezes tão pesadas que os outros pensavam que iam acabar aos socos. Mas os dois nunca brigavam, sua fraternidade era inabalável. Esta noite, porém, o Turco não demonstrava um pingão de humor:

— Matar qualquer um, não. Acabar com um tirano, sim. Você já ouviu a palavra tiranicídio? Em casos extremos, a Igreja permite. Foi santo Tomás de Aquino quem escreveu isso. Sabe por que digo isso? Quando comecei a ajudar o pessoal do 14 de Junho e entendi que algum dia teria que apertar o gatilho, fui consultar nosso diretor espiritual, o padre Fortín. Um sacerdote canadense, de Santiago. Ele me arranjou uma audiência com monsenhor Lino Zanini, o núncio de Sua Santidade. “Seria pecado um fiel matar Trujillo, monsenhor?” O núncio fechou os olhos, refletiu. Eu poderia repetir suas palavras, com o sotaque italiano. E me mostrou a citação de santo Tomás, na *Suma teológica*. Se eu não a tivesse lido, não estaria aqui esta noite, com vocês.

Antonio de la Maza se virou para encará-lo:

— Você consultou isso com o seu diretor espiritual?

Estava com a voz alterada. O tenente Amado García Guerrero receou que fosse explodir num desses ataques que De la Maza vinha tendo desde que Trujillo mandou assassinar seu irmão Octavio, anos atrás. Um ataque como o que quase destruiu sua amizade com Salvador Estrella Sadhalá. Este o tranquilizou:

— Faz muito tempo, Antonio. Foi quando comecei a ajudar o pessoal do 14 de Junho. Você pensa que eu sou babaca a ponto de confiar uma coisa dessas a um pobre padre?

— Então explique por que você pode dizer babaca mas não pode bunda, xoxota nem foder, Turco — caçou Imbert, de novo tentando aliviar a tensão. — Afinal não são todos os palavrões que ofendem a Deus?

— Não são as palavras que ofendem a Deus, e sim os pensamentos obscenos — o Turco se resignou a entrar no jogo. — Os babacas que perguntam babaquices talvez não ofendam. Mas devem ser um saco para ele.

— Você comungou esta manhã, para chegar ao grande momento com a alma consagrada? — continuou cutucando Imbert.

— Comungo todos os dias, há dez anos — afirmou Salvador. — Não sei se tenho a alma como um cristão deve ter. Só Deus sabe disso.

“Tem sim”, pensou Amadito. De todas as pessoas que ele conheceu em seus trinta e um anos de vida, o Turco, casado com Urania Mieses, uma tia de Amadito de quem ele gostava muito, era a que mais admirava. Desde que era cadete, na Academia Militar Batalla de Las Carreras, dirigida pelo coronel José León Estévez (Peitinho), marido de Angelita Trujillo, ele costumava passar seus dias de folga na casa dos Estrella Sadhalá. Salvador se tornou uma pessoa muito

importante em sua vida; ele lhe contava seus problemas, preocupações, sonhos, dúvidas, e pedia seu conselho antes de tomar qualquer decisão. Os Estrella Sadhalá fizeram uma festa para comemorar a formatura de Amadito, como espadim de honra — o primeiro, numa turma de trinta e cinco oficiais! —, com a presença de suas onze tias-avós maternas, e, anos mais tarde, também festejaram aquilo que o jovem tenente pensou que seria a melhor notícia da sua vida: a aceitação do seu pedido de admissão na unidade mais prestigiosa das Forças Armadas: os ajudantes de ordens, encarregados da segurança pessoal do Generalíssimo.

Amadito fechou os olhos e aspirou a brisa salgada que entrava pelas quatro janelas abertas do carro. Imbert, o Turco e Antonio de la Maza permaneciam calados. Ele conhecera Imbert e De la Maza na casa da rua Mahatma Gandhi, e o acaso fez com que fosse testemunha da briga entre o Turco e Antonio, tão violenta que pensou que iam sair tiros, e, meses depois, da reconciliação entre Antonio e Salvador em benefício de um mesmo propósito: matar o Bode. Quem poderia dizer a Amadito, naquele dia de 1959 em que Urania e Salvador lhe deram a festa em que tantas garrafas de rum foram bebidas, que em menos de dois anos ele estaria, nesta noite morna e estrelada de terça-feira, dia 30 de maio de 1961, esperando ninguém menos que Trujillo para matá-lo. Quantas coisas tinham acontecido desde aquele dia, pouco depois de chegar ao número 21 da rua Mahatma Gandhi, quando Salvador pegou-o pelo braço e o levou para o canto mais escondido do jardim, com um ar grave.

— Preciso lhe dizer uma coisa, Amadito. Pelo afeto que sinto por você. Que todos nesta casa sentimos.

Falava tão baixo que o jovem esticou o pescoço para ouvi-lo.

— O que foi, Salvador?

— É que não quero prejudicar a sua carreira. Vindo aqui, você pode ter problemas.

— Que tipo de problemas?

A expressão do Turco, quase sempre calma, se crispou. Um brilho de alarme surgiu nos seus olhos.

— Estou colaborando com os rapazes do 14 de Junho. Se descobrirem, seria muito grave para você. Um oficial do corpo de ajudantes de ordens de Trujillo. Imagine!

O tenente nunca desconfiaria que Salvador era um conspirador clandestino, ajudando as pessoas a se organizarem para lutar contra Trujillo